

O pressuposto da possibilidade de reinvenção do esporte, além de fincado na atualidade da crítica ao capitalismo e na compreensão da escola como espaço de contradições, conflitos e disputas, articula uma determinada perspectiva teórica, de explicação e interpretação do esporte como dado cultural com a necessidade de um trato com esse conhecimento, no âmbito da escola, que seja capaz de promover a sua explicação, negação e superação. (ASSIS, 2001, p.12)

Nesse ponto, é mister considerar que, ao ter influências das práticas esportivas, mesmo havendo possibilidades de ressignificação, a escola não resiste às formas hegemônicas de trato com o esporte. A história mostra que a força material e ideológica da esportivização impregna a cultura e influencia os modelos de formação humana escolar. Exibe, ainda, a necessidade urgente de superar as consequências disso, como por exemplo, a indiferença a grande maioria de alunos que não estão envolvidos no plano esportivo das escolas, como no caso dos Jogos Escolares das Escolas do Recanto das Emas/DF.

O professor Lino Castellani já indicava a servidão da cultura esportiva no campo da economia como referência de formação social. O próprio alertava, em sua importante obra, como essa realidade estava se dando.

[...]realçaram aquele concernentemente ao Mito do Esporte enquanto meio de ascensão social, através do qual, a visão dominante, servindo-se de exemplos isolados como Pelé, Sócrates, João do Pulo, buscam justificar a ascensão social por meio do esforço individual e do talento, segundo eles, inato ao Homem e por isso mesmo nele fluindo naturalmente e não por razões sócio-cultural. Ao prevalecer tal entendimento – denunciam no trabalho, os estudantes – configurar-se-ia a utilização do Esporte no mascaramento da estratificação, em classes sociais, da estrutura de nossa sociedade, daí originando-se o reforço ao ocultamento dos conflitos dela derivados face aos interesses antagônicos que permeiam as relações sociais numa sociedade classista. (CASTELLANI, 1994, p.198)

Com dificuldades em resistência, portanto, a escola e a Educação Física tem reproduzido, como se naturalmente essas contradições. E cede sua inerente potencialidade de organizar o conhecimento e possibilitar o aprendizado das diferentes produções culturais para um raso processo pedagógico estéril, vazio de espírito crítico e desprovido de intervenção didática com qualidade para mudanças concretas que apontem para a superação dessa realidade. O que se confirma é a entrega do processo educativo à lógica dos interesses da classe dominante, a exemplo dos discursos de meritocracia, dos apelos ao sucesso desenfreado e ao consumo. Uma condição social que se materializa na sociedade de classes, onde a realidade é posta pelo trabalho assalariado e precarizado, pela propriedade privada e por uma intensa divisão social do trabalho.

Considerar uma ressignificação do esporte é reconhecer sua importância histórica e cultural, mas avançar sobre o processo de exclusão que sua lógica performática e institucionalizada imputa nas escolas, em especial no trabalho pedagógico e em seus projetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível apontar que há uma produção bibliográfica e experiências que oferecem saídas em relação ao esporte de rendimento/espetacularizado e sua relação excludente e de ocupação do espaço escolar. E que portanto, é necessário que os sujeitos envolvidos possam conquistar um momento pedagógico que seja suficientemente crítico dessas determinações e apontem coletivamente sentidos e significados novos para sua prática.

REFERÊNCIAS

ASSIS, S. *Reinventando o esporte: Possibilidade da prática pedagógica*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001.

CASTELLANI, L. *Educação Física no Brasil: A história que não se conta*. 4ª Edição. São Paulo.: Papirus.1994.

